



## Fenótipo

Maurício de Novais Reis<sup>1</sup>  
Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa

Não suportam o meu fenótipo  
Enquadram-me sempre no estereótipo  
É a marca racista de Lombroso  
Que faz de mim um criminoso  
E motiva a violência policial  
Na periferia, na zona central  
Já não existe saída para mim  
O cano do revólver será o meu fim  
Se não mudarem a política nojenta  
Que essa elite maldosa inventa  
De assassinar a nossa negritude  
E nos acusar de não ter atitude  
Diante da vida  
(coisa de genocida).

Se liga!  
Fácil falar, difícil fazer  
Essa gente tem a vida inteira pra viver  
Não precisa se esconder da polícia  
Nos barracos pobres a coisa é séria  
Mães criam seus filhos em meio à miséria  
Desigualdade social, preconceito racial  
E o FMI dizendo que o país “tá” legal  
Como? Nem possui saneamento ambiental?!  
E as crianças brincam no lixão a céu aberto  
Correndo atrás de um futuro incerto  
Parece que somos insetos  
Sem saída  
(suicidas).

A gente não quer esmola

---

<sup>1</sup> Pedagogo, filósofo e psicanalista. Especialista em Sexologia e em Teoria Psicanalítica. Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB). Autor dos livros “Não estamos interessados” (CBJE, 2008), “Um Crime Passional” (romance, CBJE, 2010), “O Maravilhoso Mundo de Alice” (MULTIFOCO, 2017, 72 p.), “Um Dia de Chuva e Outros Poemas de Amor” (MULTIFOCO, 2019) e “Ensino de Filosofia: do universo eurocêntrico ao pluriverso epistêmico – uma introdução” (Editora Fi, 2020, 212 p.). <https://orcid.org/0000-0003-4154-4242>. E-mail: [contato@mauricionovais.com](mailto:contato@mauricionovais.com). Endereço profissional: Rua Leur Lomanto, SN, Bela Vista, Teixeira de Freitas.

Tampouco queremos sua compaixão  
Nossa luta é por direito à escola  
Direitos humanos, mais educação  
Igualdade, liberdade, fraternidade  
Lema central da Ilustração.  
Diziam que negro é pré-lógico  
Incapaz de pensamento filosófico  
Somos apenas seres diaspóricos  
Lutando contra grupos elitistas  
Malditos porcos imperialistas!  
Somos gente, acredite  
Nossa mente é desenvolvida  
(tem gente que ainda duvida).

Usam meu corpo como protótipo  
Para seus experimentos despóticos  
No lusotropicalismo de Gilberto Freyre  
Abolição chegou, não tenho sequer um alqueire  
De terra para cultivar minhas cicatrizes  
Simplesmente anulam minhas diretrizes  
Na mestiçagem me chamaram mulato  
Ouvi de Sílvio Romero este relato  
Infame, mesmo assim vamos que vamos  
Em nome das teorias de Artur Ramos  
“Tá” puxado viver desse jeito  
Desfilando minha cor em meio ao preconceito  
Coragem atrevida  
(pele despida).

Usam meu cabelo como bode expiatório  
Para me conduzir a interrogatório  
Igual escravo fugitivo  
No tronco levando castigo  
A pele às vezes preta outras, marrom  
Só queria ter conhecido Fanon  
Ouvir seus relatos de guerra  
Levantando os condenados da terra  
Juntamente com Senghor e Nkrumah  
A fim de fazer África prosperar  
Libertar-se do jugo eurocêntrico  
Tudo bem, sei que este assunto é polêmico  
Liberdade assistida  
(África continua sofrida).

Avareté



Mas “perai” um momento  
Estou misturando alguns elementos  
África afetiva sadia na mente  
África efetiva permanece doente  
Às mãos do imperialismo remanescente  
Como Gilson Brandão alertou a gente  
Aqui é Brasil, realidade cruel  
Pátria amada, mas infiel  
Não sabe proteger seus “guri”  
Matou até mesmo Zumbi  
Claro, ele era preto  
Criou uma cidade livre de preconceito  
Palmares nação aguerrida  
(retratos da nossa vida).

Finalmente as coisas vêm melhorando  
Adolescentes negros estão estudando  
Medicina, Enfermagem, Direito e Filosofia  
História, Administração e Engenharia  
Alguns fizeram até doutorado  
São pesquisadores prestigiados  
Mas tem gente que não gosta  
Porque muitos negros estudaram pelas cotas  
Política pública para igualar os ponteiros  
Porque antigamente os brancos largavam primeiro  
Certo, não quero generalizar  
O Brasil ainda tem muito o que mudar  
Porque ainda estamos atrás nesta corrida  
(pela igualdade na vida).

O paraíso das raças era uma fantasia  
Aqui o racismo existia, mas ninguém via  
Suposta democracia racial  
Mas permanecia o jugo colonial  
Das mentiras contadas mil vezes  
Há tempos pelos colonizadores portugueses  
Reproduziu-se a mentira mais habitual:  
O brasileiro é cordial  
Deixaram os índios sem terra  
Os negros em guerra  
Constante contra o sistema prisional  
Que escraviza como o governo imperial  
República falida  
(por monstros presidida!).

Queria viver com igualdade  
Ser alguém no seio da sociedade  
Em vez de viver sempre fugindo  
Dos horrores de um mundo covarde  
Toda essa revolta faz com que me vingue  
Mas eu sigo o conselho do irmão Luther King  
Resistência é meu nome, pode crer  
A educação é a arma certa para vencer  
Malcom X, Mandela e De Bois  
São os modelos que eu tenho para imitar  
Conceição Evaristo e Carolina de Jesus  
Elas também já carregaram sua cruz  
Foi difícil encontrar guarida  
(mulheres sofridas).

Agora vou parando por aqui a discussão  
Já tem gente dizendo que é vitimização  
Conversa fiada, puro mi-mi-mi  
É o pretexto que eles têm para nos oprimir  
Só porque nós somos negros somos parados  
Em *blitz* com nossos carros financiados  
Pedem documento, cheios de desdém  
Na cabeça deles o negro não é ninguém  
Não pode ter um carro importado  
Que eles perguntam logo se é roubado.  
Eu quero um país muito diferente  
Por isso, meu apelo ao presidente  
Cuide das pessoas desta pátria querida  
(pense menos na economia e mais nas vidas).

Avareté